

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

A. A. MENDES CORRÊA — *Perspectivas duma Antropologia Citológica* — Discurso inaugural da Secção de Ciências Naturais do XVI Congresso da «Asociación Española para el Progreso de las Ciencias», realizado em Saragoça em Dezembro de 1940 — Madrid, 1941.

Neste trabalho, o Prof. Dr. Mendes Corrêa, depois de apontar a influência das pesquisas, quer no domínio do infinitamente grande quer do infinitamente pequeno, no progresso da Ciência, põe em foco as possibilidades futuras da Citologia no campo da Antropologia.

Começa o A. por dizer que os progressos da Astronomia e da Física resultaram do conhecimento do macrocosmos pelo aperfeiçoamento dos aparelhos de óptica. Seguidamente expõe a evolução sofrida pela Antropologia que, iniciando-se pelo estudo comparado do esqueleto e da superfície externa do corpo, procurou novos dados fora do domínio estritamente morfológico de que resultou a Biotopologia, a Constitucionalística, a Antropobiologia, a Genética antropológica, a Hematologia antrozoológica e étnica e a Endocrinologia humana.

Estando a morfologia exterior dependente da estrutura e composição química, é natural procurar nestas os fundamentos das diferenças específicas e raciais, mas, como o A. muito bem diz, a Antropologia microscópica e química não se opõe à Antropologia clássica.

Em seguida o A. faz uma descrição da evolução da Antropologia, referindo-se à citoarquitectónica cerebral comparada, à endocrinologia, ao metabolismo basal, à serologia étnica e a reacções de líquidos orgânicos.

A propósito das reacções hemáticas, admite a possibilidade de haver diferenças estruturais das células, correspondentes às diferenças de quimismo. Por conseguinte o estudo bioquímico não seria mais que uma citologia indirecta, pois que as diferenças citológicas seriam responsáveis pelas diferenças químicas e pelo diferente comportamento hereditário. Cita observações de citologia directa, como as realizadas por Gulliver nas hemácias, por Retzius nos espermatozóides e por Hubrecht nos óvulos.

Aponta, seguidamente, as dificuldades dos estudos genéticos no Homem, referindo-se à contribuição dada a estes estudos pelo exame dos gémeos.

Seguem-se considerações sobre a distinção entre raça e constituição, com referências às maneiras de ver de vários autores, chegando o Prof. Mendes Corrêa à conclusão de que a raça corresponde ao genótipo e a constituição à parte do fenótipo que interessa à posição individual relativamente à média geral dos homens. Esta concepção de raça e constituição corresponderia a uma realidade citológica, pois que é nos cromosomas das células germinais que se encontra «o património genotípico orientador dos destinos individuais ou específicos» e nas células somáticas «certas particularidades correspondentes a diferenças constitucionais, raciais ou específicas».

Atendendo ao pequeno peso da substância cinzenta cerebral, conclui o A. por dizer que a diferença de peso dos elementos nervosos frontais dum homem de génio e dum homem medíocre é mínima.

A. M.

FRANZ WEIDENREICH — *The brain and its rôle in the phylogenetic transformation of the human skull* — «Transactions of the Amer. Philos. Society», new series, vol. XXXI, part V, Philadelphia, August, 1941.

Weidenreich, autor de numerosos trabalhos sobre a evolução dos Primatas e do Homem, trabalhos entre os quais avultam os consagrados à morfologia do pé e aos importantes achados do *Sinanthropus* de Pequim, faz, nesta ampla memória, um exame exaustivo e documentado das relações entre o desenvolvimento cerebral e as modificações do crânio na evolução dos Primatas para o ser humano. Procura sugestivos paralelos em vários grupos animais, estuda as teorias da fetalização, analisa os aspectos das suturas cranianas nos Antropóides e no Homem, compara os valores do peso do corpo com o peso do cérebro, aprecia as relações do desenvolvimento da face e da dentadura com a capacidade craniana, etc., e de todos êsses minuciosos estudos conclui que a transformação do crânio, na evolução filogenética do Homem, reveste a forma dum desenvolvimento ortogenético.

Decerto êstes assuntos comportam larga margem para discussão, mas a presente memória é rica em factos objectivos de grande interesse e em deduções lógicas e prudentes.

M. C.

EUGEN FISCHER — *Rasse und Vererbung geistiger Eigenschaften* — Extr. de «Zeitsch. f. Morphol. u. Anthropol.», fasc. I, vol. XXXVIII, 1939.

O ilustre professor de Berlim e director do Instituto de Antropologia do Imperador Guilherme, ainda há pouco tempo aposentado, apresenta, neste estudo, a sua opinião sobre a hereditariedade, no homem, dos caracteres psicológicos e a importância dêstes na caracterização das raças.

Depois de fazer a história, muito sumariamente, da marcha das investigações sobre a hereditariedade dos caracteres somáticos e psicológicos, conclui afirmando que assim como as áreas de dispersão dos caracteres físicos das diferentes raças têm zonas que se sobrepõem, também as dos caracteres psicológicos devem apresentar sobreposições, conservando, em todo o caso, o seu valor médio próprio para cada grupo étnico, de maneira análoga ao que observa nos caracteres somáticos.

ALFREDO ATHAYDE.

LUÍS PERICOT GARCIA — *La Cueva del Parpalló (Gandia)* — I vol. de cerca de 400 págs., profusamente ilustr. — Ed. do «Consejo Superior de Investigaciones Científicas — Instituto Diego Velásquez». Madrid, 1942.

Merecidamente galardoado com o Prémio Martorell do Ayuntamiento de Barcelona, de 1942, êste belo volume honra altamente o seu autor, o Prof. Pericot, e aquêles que, como D. Isidro Ballesster Tormo e outras entidades, lhe deram valioso apoio. As escavações do Prof. Pericot realizaram-se nos períodos de verão de 1929, 1930 e 1931, e foram seguidas por alguns anos de labor infatigável do mesmo arqueólogo, classificando, inventariando, desenhando e comparando o importante material recolhido. Para dar uma idéia dêste, basta dizer que as placas gravadas ascendem a vários milhares e as placas pintadas estudadas são em número de cerca de 1.500.

O A. descreve sucessivamente a situação e estado da caverna, a história da descoberta, as campanhas de escavações, o material de pedra, osso e chifre, a estratigrafia, a arte de gravura e pintura, a fauna, um crânio humano, e outros achados, e no último capítulo faz um valioso estudo comparativo de que extrai cuidadosas e importantes conclusões.

A cronologia da ocupação humana da estação vai do auriñacense superior ao madalenense IV, predominando conside-

ravelmente nas placas pintadas as referidas ao solútreo-auri-nhacense, ao solutrense médio, ao solutrense superior e ao madalenense 1. Nas placas gravadas a proporção é um pouco diferente, mas, no conjunto, o apogeu da indústria e da arte em Parpalló pode fixar-se no solutrense superior. Os desenhos mais frequentes e importantes são animalistas de estilo naturalista, não levantino. A fauna, na qual faltam espécies típicas quaternárias, tem um carácter actual. O crânio humano reconstruído por Aranzadi e Alcobé, e estudado pelo segundo, era dum jovem, talvez do sexo feminino, e com afinidades cro-magnonóides.

Pericot considera predominantemente europeia e francesa, não levantina ou africana, a origem das culturas de Parpalló, mas admite algumas afinidades com a arte cantábrica e algumas influências africanas. Ponderadamente examina o problema das relações da arte das rochas e abrigos levantinos com a franco-cantábrica e a questão da sua cronologia.

Entre os que consideram a arte levantina das rochas e abrigos sincrónica da arte franco-cantábrica e os que a consideram posterior a esta, o ilustre professor e arqueólogo toma uma posição intermédia.

M. C.

MARTÍN ALMAGRO — *Introducción a la Arqueología — Las culturas prehistóricas europeas — Manuales de iniciación «Apolo»*, I vol. ilustr., Barcelona, 1941.

Resenha desenvolvida da prehistória europeia, levada a efeito com competência e brilho pelo director do Museu Arqueológico de Barcelona, prof. Martín Almagro. Cerca de quinhentas páginas, profusamente ilustradas, em que naturalmente os problemas da prehistória peninsular suscitam especial atenção, sem, no entanto, serem olvidados os problemas fundamentais dessa matéria no resto da Europa. O A. está dentro dos critérios que expõe no prólogo como orientadores da moderna arqueologia: «sentido analítico e amoroso» do estudo do passado; «idéia transcendente de *cultura* como ente vivo que se desenrola dentro dum ciclo mais ou menos duradouro e brilhante», idéia que substituiu o «falso conceito» de *evolução*.

A idade do ferro é naturalmente tratada com menos desenvolvimento do que as anteriores e compreende-se bem que assim seja. O A. não deixa, porém, de finalizar o seu livro com referências à cultura dos *Vikings*, com que já no século XII da era cristã termina — diz — a pré-história germânica.

O Prof. Almagro inclina-se para as opiniões de Vaufrey sobre as relações da Península com o capsense norte-africano, cujo acesso à Europa seria muito tardio e no qual se não deveriam também procurar as origens do tardenoisense. A páginas 145 e 149 o *Homo afer taganus*, de Muge, é, por evidente lapso, dado como braquicéfalo.

A páginas 268 e seguintes o A. combate a tese de Obermaier e Bosch Gimpera sobre a evolução dos megálitos na Península a partir dum tipo simples de câmara pentagonal sem corredor e sobre a existência dum primitivo foco português de cultura megalítica com irradiações para outras regiões. E escreve: «Forde primeiro e Le Rouzic depois, provaram como é falsa e superficial a tese de Bosch Gimpera seguida pelos arqueólogos espanhóis e portugueses. Na Bretanha verificou-se que os dólmenes simples e pequenos não são mais antigos do que os outros megálitos». Childe, Forde, Nordman, etc., não aceitaram, acrescenta, a cronologia dos espólios megalíticos peninsulares, adoptada por Bosch, que teria seguido «a tipologia geral hipotética exposta por Montelius para a cultura megalítica nórdica».

Contesta também Almagro a excessiva antiguidade atribuída por Bosch aos dólmenes simples e parece inclinado a aceitar a doutrina de Nordman segundo a qual a cultura megalítica teria chegado a Espanha, vinda de leste. Não se pronuncia, entretanto, sobre a aproximação entre os túmulos micénicos e os grandes sepulcros peninsulares, ainda que entenda serem estreitas as semelhanças entre uns e outros. O grupo de Alvão, a que o A. se refere a página 269, não está, seja dito de passagem, ao sul da Serra da Estrêla mas muito a norte desta, na serra transmontana daquele nome.

Por estas breves referências a pontos versados no livro do Prof. Almagro verifica-se o alto interêsse que o volume apresenta, não só no que respeita à pré-história europeia em geral, mas à pré-história da Península em especial, ainda que algumas opiniões expendidas, como as relativas à individualização da cultura megalítica portuguesa por Bosch Gimpera, sejam naturalmente susceptíveis de discussão.

M. C.

P. BOSCH-GIMPERA — *Two Celtic Wawes in Spain — 1 vol., extr.* de «Proceed. of the British Acad.», vol. xxvi, London, 1939.

É inegavelmente Bosch Gimpera o arqueólogo que deu feição mais ampla e sistemática à arqueologia peninsular da idade do

ferro, nas suas relações com as penetrações e repartição dos Celtas no território. Schulten, nas escavações de Numância e nos seus trabalhos de conjunto, iniciara, sob novas orientações, o labor de conjugação das fontes literárias com os elementos arqueológicos, mas, sem dúvida, deve-se a Bosch uma amplificação da tarefa, com a revisão e coordenação de todos os materiais arqueológicos recolhidos e a pesquisa de novas estações, sobretudo as da Catalunha. E não se pode dizer, ao ler os sucessivos trabalhos de Bosch sobre este assunto, que este se fixou rigidamente nas sistematizações iniciais de Schulten na matéria ou até nas suas próprias sistematizações do começo.

Depois duma resenha sobre as últimas culturas do bronze na Europa Central e sobre a cultura das urnas na Alemanha, o A. examina a extensão desta cultura à Suíça, à França e especialmente à Catalunha. Sem esquecer a própria toponímia céltica, estuda a etnologia da cultura de Hallstatt, considerando esta como em grande parte referível a Celtas halstáticos ou Proto-Celtas, que não têm ainda os caracteres dos Celtas históricos, devendo notar-se que o problema destas identificações é complexo e difícil, verificando-se nessas culturas uma variedade profusa de aspectos locais. Os movimentos dos Celtas para Oeste foram em parte determinados por pressões e infiltrações dos Teutões da Alemanha do Norte. No século VI a. C. a Península teria sido também atingida por movimentos belgas, o que corresponderia a algumas estações post-halstáticas.

Portugal está abrangido no trabalho de Bosch que conhece muito bem a nossa arqueologia da idade do ferro. Assim, é citada a estação de Alpiarça, com urnas de cremação, de que demos notícia, não tendo, porém, Bosch conhecimento do nosso artigo, mais minucioso do que os nossos primeiros escritos sobre o assunto, artigo que saiu, durante a guerra civil, no *Anuário de Prehistória Madrileña*. Cita também Bosch o cemitério post-halstático de Alcácer do Sal, explorado com tão alta proficiência por Vergílio Correia, as estações dos arredores da Figueira, descobertas e exploradas por Santos Rocha, os castros e citânias do norte de Portugal e da Galiza, as esculturas de guerreiros e animais em pedra, o quadro etnológico indicado para estas paragens pelos velhos textos, etc. Os *Cempses* de Avieno são, para Bosch, os Celtas ocidentais dos textos ulteriores, e os *Sefes* do mesmo relato seriam os Calaicos e outras tribos do norte de Portugal e da Galiza. Bosch mantém à sua adesão à nossa opinião de que *Lusis* em Avieno se refere aos Lusitanos e não aos Lígures (no sing. *Ligus*, como foi lida aquela passagem por Schrader).

Bibliografia, estampas, cartas, valorizam o livro de Bosch. Pela nossa parte, hesitamos quanto à segurança de certas identificações e itinerários, mas, além da originalidade e erudição de que o livro é mais uma prova relativamente ao seu autor, encontramos nêle muitas informações úteis, modos de ver cheios de interesse científico, hipóteses verosímeis e factos incontrovertidos.

M. C.

F. BOUZA BREY — El tesoro prehistorico de Caldas de Reyes (Pontevedra) — Sep. de «Actas y Mem. de la Soc. Esp. de Antrop., Etnol. y Prehistoria», T. XVI — Madrid, 1942 (19 págs., 3 figs. e 3 ests.).

Inventário e descrição de um notável tesouro prehistórico, encontrado em 1940 em Caldas de Reyes (Pontevedra), vila que é considerada presumível sucessora de «*Agua Calidae*» ou «*Aquae Cellenae*» do Itinerário de Antonino.

Constava o tesouro referido de diferentes objectos, todos de ouro de mais de vinte quilates, maciços, entre os quais se salvaram: um vaso esférico de 7,8 cm. de altura, com finíssima decoração incisa, pesando 640 gr.; um segundo vaso semelhante ao anterior mas sem decoração; uma pequena jarra de base plana, esmaltada também com finíssimas incisões; um pente de 24 dentes e com 8,6 cm. de largo; um colar circular aberto, rígido, com o peso de 870 gr.; 30 braceletes de diversos tipos, todos lisos, circulares e abertos; vários fragmentos de outros objectos.

Entre as peças extraviadas figurava outro grande colar rígido e vários braceletes.

Trata-se, como se vê, de um achado de excepcional importância (e que, segundo Gomes Moreno, rivaliza com os de Tróia e Micenas) não só por apresentar peças raríssimas, tais como os vasos e o pente, como pela técnica que patenteia e pelo valor que representa (no conjunto, os peças existentes pesam 14,9 quilogramas, representando as que desapareceram 13,75 quilogramas).

Quanto à cronologia, o autor situa o tesouro de Caldas de Reyes num período avançado da segunda Idade do Bronze.

C. TEIXEIRA.

MÁRIO CARDOZO — Uma notável peça de joalheria primitiva — in «Anais da Faculdade de Ciências do Pôrto», T. XXVII. Pôrto, 1942, 16 págs. e 4 figs.

O A., que ao estudo da pre-história e da proto-história portuguesas tem já consagrado um bom número de excelentes trabalhos, dá-nos a conhecer mais um *torques*, colar rígido de ouro, com aro maciço, de secção losângica e pesando 212^{gr},5.

Esta rica peça da ourivesaria proto-histórica, foi casualmente encontrada a dois quilómetros de Chaves, no lugar de Codeçais, ao proceder-se ao plantio duma vinha.

Trata-se duma magnífica jóia trabalhada com notável perfeição especialmente nas chapas circulares dos remates, enfeitadas cada uma com o desenho duma rosácea sexfólia, tendo ao centro e nos extremos das fôlhas umas pequeníssimas esferas. Cada uma das fôlhas foi estampada por percussão à custa duma matriz de boa têmpera com o respectivo desenho em negativo, formada «por um feixe de linhas curvas formadas de pequeníssimas esferas em série», trabalho delicado e executado por artífice hábil e de mão firme.

O colar de Codeçais, pelos remates ou cabeças, pertence ao tipo dos chamados colares de duplo tronco de cone, designação que o A. mostra ser imprópria, dando àqueles pseudo-cones antes a classificação duma dupla escócia, «como em presença de outros remates idênticos já observou Cuevillas».

O A. faz o estudo comparado desta jóia com as suas similares de Espanha e Portugal, realçando a flagrante semelhança do torques de Codeçais com dois outros encontrados há cerca de 40 anos num terreno de vinha da freguesia de Lebução (concelho de Valpaços), a cerca de 20 quilómetros de Chaves. Os dois colares de Lebução foram estudados por Ricardo Severo e publicados na *Portugália*.

O A. admite, muito logicamente, dada a flagrante paridade dos desenhos dos ornatos estelares dos remates destas três velhas jóias, que elas tivessem sido obra do mesmo *aurifex*.

SANTOS JÚNIOR.

HORST GEYER — Über Hirnwindungen bei Zwillingen — Extr. de «Zetschr. f. Morphol. u. Anthropol.», fasc. v, vol. 38, 1939,

O Instituto do Imperador Guilherme de Antropologia, em Berlim-Dahlem, dispõe de cerca de 30 preparações de gémeos recém-

nascidos que têm sido aproveitadas, por vários investigadores e por diferentes modos, para o estudo da hereditariedade dos caracteres somáticos. O A. encarregou-se de investigar a morfologia do cérebro dessa colecção e vem dar conta dos primeiros resultados.

Depois de descrever sumariamente o método que seguiu para se certificar de que cada par de exemplares a estudar, era constituído por 2 gémeos monovitelinos, o A. conclui, dizendo: que as diferenças do relêvo cerebral de 2 gémeos correspondem às diferenças dos dois hemisférios do mesmo cérebro; que o aspecto das circunvoluções é, até certo grau, influenciado pelo ambiente, mas, pelo contrário, a profundidade e a frequência das mesmas circunvoluções são independentes das condições mesológicas.

A. A.

LUÍS A. DUARTE SANTOS — Biotipologia humana — I vol. de 234 págs. — «Colecção Studium». Coimbra, 1941.

O Sr. Dr. Duarte Santos, assistente de Clínica Médica na Faculdade de Medicina de Coimbra, deu à estampa um volume cuja oportunidade e cujo interesse são justamente postos em relêvo num lúcido *post-fácio* da autoria do ilustre professor Rocha Brito. De facto, há manuais e tratados, em línguas estrangeiras, sobre a matéria; há manuais e outras publicações brasileiras de Biotipologia, devendo citar-se os livros do Prof. Berardinelli e dos seus colaboradores e discípulos. Mas em Portugal o assunto não fôra ainda tratado com o desenvolvimento e o pormenor com que o versa o Sr. Dr. Duarte Santos, juntando à exposição da história de várias doutrinas, dos métodos e das largas aplicações da Biotipologia, a explanação dum método morfológico e resultados pessoais que conduzem à definição do normótipo português.

O Sr. Dr. Duarte Santos contesta a importância dada à cabeça nalgumas classificações biotipológicas, fundando-se o seu método na «oposição tronco-membros». O autor fornece as indicações metodológicas necessárias para esta ordem de estudos, não esquecendo os processos estatísticos mais convenientes. Especialmente sugestivas as suas considerações finais sobre o interesse da Biotipologia em Medicina, Antropologia, Criminologia, Pedagogia, Orientação profissional, Educação Física, Arte, etc.

M. C.

A. DE ALMEIDA ROCHA E F. DIAS AGUDO — *A altura e o pêso dos escolares do Liceu de Gil Vicente* — 1 vol. de cêrca de 250 págs. Lisboa, 1941.

Os AA. — o primeiro dos quais médico escolar e o segundo professor e reitor do Liceu de Gil Vicente — reuniram, em volumosa separata do «Anuário» daquele Liceu, os resultados das observações feitas durante 27 anos sobre a altura e o pêso em alunos daquele estabelecimento. A simples menção do número de medições efectuadas — 22.716 — permite fazer idéia da importante base documental sobre que se apoia este trabalho. Se considerarmos também a meticulosidade com que se expõem as observações, os métodos seguidos, as críticas a trabalhos similares e os resultados obtidos, não podemos deixar de elogiar como extremamente consciencioso e verdadeiramente infatigável o labor desenvolvido pelos AA. num assunto cuja importância científica e nacional é inegável.

Os AA. não limitaram o seu esforço à comparação crítica com outros resultados portugueses. Registaram também, com larga informação, elementos relativos a vários países estrangeiros. Numerosas tabelas e gráficos, e o emprêgo de métodos estatísticos aconselhados valorizam o trabalho em questão.

Não podemos, no entanto, deixar de observar que as matérias poderiam ter uma disposição que tornasse o livro de mais fácil consulta. Nem índice ali encontramos. Não há divisões que são correntes em monografias desta natureza e a ordem de sucessão de matérias não obedece a um plano geral. É inegável que certos resultados expostos permitiriam explanações de proveito e de originalidade científica, sendo de lastimar que, pelo contrário, se dê preferência a considerações gerais preliminares menos necessárias ou mesmo contestáveis e a páginas infundáveis de bibliografia e de transcrição pormenorizada de resultados alheios.

Os AA. fazem reparos a insuficiências técnicas em Antropometria, quando na verdade só merecem êsses reparos os autores que não conhecem ou não põem em execução rigorosa a metodologia preconizada em Congressos Internacionais ou em tratados, como o fundamental, de Rudolf Martin.

A parte biométrica é muito desenvolvida, faltando, porém, no final do volume as conclusões a que conduz tão laborioso estudo.

M. C.

HUGO DE MAGALHÃES — *Um novo processo de representação morfológica e métrica de crâneos* — «Anais da Fac. Ciênc. do Pôrto». Vol. XXVII. Pôrto, 1942.

Sob este título apresenta o A. um processo gráfico, baseado em três projecções ortogonais, que permite tirar medidas exactas nos desenhos dos crâneos projectados, com tanto rigor como se fôssem tiradas nos próprios exemplares.

Dêste modo fica reproduzido, num desenho, um crâneo pelas medidas que se preferirem para o definir, podendo-se empregar tantas quantas forem julgadas necessárias para êsse fim. E se, a êstes desenhos em projecção, se juntarem fotografias, será possível reconstituir qualquer crâneo cujo modelo se deseje possuir.

O método consiste, resumidamente, em projectar sobre três planos perpendiculares entre si, sendo um dêles o de Francfort, as cinco normas craneanas, utilizando um número de pontos craneométricos maior ou menor conforme a exactidão que se pretender dar ao desenho.

Êste método tem a grande vantagem, relativamente aos que até agora se usavam, de não ser muito trabalhoso e não exigir o emprêgo duma aparelhagem complicada, pois que, além dos compassos de corrediça e de espessura para tirar as medidas, tudo se faz com um compasso vulgar de desenho, um esquadro e uma régua. De todos os métodos gráficos de reprodução até agora adoptados, êste é, certamente, um dos de mais fácil utilização e maior rigor.

A. A.

CORNELIO FABRO — *La fenomenologia della percezione* — Publ. do Laboratório de Psicologia da «Università Cattolica del S. Cuore» — 1 vol. de 450 págs. Milano, 1941.

Neste belo volume, depois duma introdução sobre o facto imediato e o conteúdo da percepção e sobre as relações da fenomenologia com a gnoseologia, o A. ocupa-se sucessivamente das teorias da associação, da nova teoria da forma, e da crítica e problemas da nova psicologia. Analisa desenvolvidamente, em especial, a *Gestalttheorie*, cujo universalismo psicológico e cuja pretensa originalidade contesta, expondo várias objecções que lhe foram feitas e formulando as suas próprias, sem deixar de reconhecer, entretanto, os seus méritos e os serviços prestados, e de dar ao «todo» o primado no âmbito do conhecimento.

Trabalho profundo de erudição e de crítica, o livro do Dr. Cornelio Fabro honra o seu autor e a escola de que parte e cujo chefe, o eminente P.^o Agostino Gemelli, prefacia o presente volume, como director do Laboratório de Psicologia Experimental da Universidade Católica de Milão.

Especial interêsse para os antropólogos têm as páginas consagradas às investigações de Köhler e Matilde Hertz em animais, particularmente em antropóides, e aos estudos feitos na criança e nos primitivos.

M. C.

Contributi del Laboratorio di Psicologia — Série nona, «Publ. dell'Univ. Cattol. del S. Cuore», Milano, 1941.

A simples menção dos trabalhos contidos nesta bela série de publicações do Laboratório, tão competentemente dirigido pelo P.^o A. Gemelli, dá uma idéa da importante e variada actividade desenvolvida por êste importante centro de investigação. Segue essa lista: G. Zunini, *La psicologia e l'Uomo*; G. Castiglioni, *Ricerche sul sentimento religioso di adolescenti*; A. Gemelli e M. Ponzio, *L'adattamento motorio nella vida psichica*; G. Zunini, *Contributi allo studio dell'apprendimento nei pesci (VI.º)*; A. Gemelli, *L'orientazione prossima nel volo*; G. Pizzuti e F. Finivella, *La percezione della distanza*; C. Trabattoni, *Nuovi contributi all'elettroencefalografia*; A. Gemelli, *Lo studio del reato come mezzo di indagine nella valutazione del delinquente*.

Muitos dêstes trabalhos têm um alto interêsse em Antropologia. Assim o P.^o Gemelli continua prestando, na Antropologia Criminal, o importante serviço de indicar as perspectivas possíveis e orientações aconselháveis no estudo do delinquente. Trabattoni, com a electroencefalografia, chega, por seu turno, a resultados contrários à teoria motora da consciência. O ritmo das ondas alfa não é correlativo dos factos psíquicos. O A. entende que só a hipótese dum centro único sub-cortical, gerador ou ressonante daquelas ondas, pode explicar a natureza do electroencefalograma.

M. C.

Archivos Chilenos de Criminologia, Organó oficial del Instituto Nacional de Classificación y Criminología — Director: Dr. Israel Drapkins — Santiago-Chile — Diciembre, 1937 — in 4.º gr. 626 p.

O Instituto de Criminologia de Santiago de Chile foi criado por uma disposição legal recente é destinado a coordenar principalmente os trabalhos da Direcção geral de Prisões daquele Estado e cooperar nas funções dêste organismo oficial, que se ocupa, com elevado intuito, de estudos de Antropologia e de Criminologia, em particular, da reeducação dos delinquentes. Êste estabelecimento foi fundado pelo Decreto de 29 de Dezembro de 1936.

A publicação que temos presente, volumosa e extensa, é já um avultadíssimo complexo de investigações valiosas, originais, interessantes, nos domínios da Antropologia Criminal, apresentadas com a mais perfeita técnica e reunidas sob os múltiplos aspectos que êles apresentam para a Sociedade. Êste um repositório riquíssimo, verdadeiro arquivo de informações variadas sobre a Ciência criminológica, em diferentes países americanos e europeus. Representa portanto uma excelente contribuição para o conhecimento da evolução desta ciência. Aqui são discutidas com notável profundidade e com elevado espírito crítico questões criminalísticas e jurídicas, além de muitas que com estas se relacionam.

Não é fácil dar conta, mesmo em resumo, dos materiais ideológicos e dos factos de observação que êstes *Archivos Chilenos* apresentam com tamanha abundância e profusão, ao mesmo tempo com rigor de análise e até com certa ousadia de modernismo e longo alcance de intuição. Êles dão conta das idéias, opiniões e problemas que se levantam no vasto domínio dêste Instituto, cuja importância social é realmente muito considerável.

Impossível se torna seleccionar, dentre os escritos insertos no magnífico volume, alguns trabalhos, que se nos afiguram de maior interêsse científico e prático.

Como exemplo, mencionaremos a memória de D. Leopoldo Mata, sobre a *Orientação e a selecção no trabalho profissional*, estudo psicológico da atenção, de notável utilidade prática.

Muitos outros artigos publicados neste livro são também dignos de meditação e aprêço, para os que se ocupam de semelhantes locubrações, que atingem nos países cultos lugar distinto e que desenvolvem larga aplicação social. Tudo nos confirma a noção de que esta obra é um verdadeiro índice da vasta e especializada cultura das repúblicas sul-americanas e em particular do Chile.

BETHENCOURT FERREIRA.

ARMANDO DE MATOS — *A Arte dos Jugos e Cangas do Douro-Litoral* — 1 vol. de 238 págs. Pôrto, 1942.

Neste volumoso e bem documentado trabalho, o Sr. Dr. Armando de Matos apresenta-nos um verdadeiro tratado sobre os jugos, cangas e acessórios, da província do Douro-Litoral.

Tão interessante capítulo etnográfico característico desta província e regiões circunvizinhas, fornece-nos elementos valiosos para o estudo das tendências artísticas do povo dessa região e conseqüentemente do seu psiquismo, elemento de grande valor na caracterização de uma etnia. É pena, contudo — o que se verifica em tôdas as manifestações de arte popular — que nem todos os motivos decorativos observados nestes curiosos trechos rurais, conservem o traço primitivo, apresentando-se abastardados por modernismos incaracterísticos.

O A. documentou o seu trabalho com fotografias suas e belos desenhos de Gouveia Portuense, sendo alguns destes coloridos, pormenorizando todos os tipos, forma e decoração. Analisa cada um dos motivos empregados e investiga a sua origem. Na 1.^a parte trata dos jugos e cangas; a 2.^a dedica-a aos arcos, chavelhas e taboletas e na 3.^a diz-nos algumas palavras sobre o valor estético da arte dos jugos.

O A. fecha com o elogio do jugo, citando a conhecida opinião do etnógrafo polaco E. Frankowski «que os jugos portugueses eram os mais lindos do mundo».

HUGO DE MAGALHÃES.

DENIS GOMES — *Costumes e gente de Ílhavo* — 1 vol. de 170 págs. Anadia, 1941.

O Sr. Denis Gomes fez bem em reunir em volume alguns escritos seus sobre figuras e aspectos da vida ilhavense. Têm valor literário essas páginas, há interesse e emoção nalguns episódios descritos, há beleza em certos lanços de desdita resignada, de virtude heróica, de devoção inabalável. Mas, no nosso ponto de vista, é particularmente útil o contributo de informes etnográficos que através daqueles quadros sugestivos o autor vai fornecendo sobre tão atraente núcleo populacional como é o de Ílhavo.

A psicologia da mulher ilhavense — que tem a fama de ser a mais linda de Portugal e é, seguramente, em geral, das mais ricas em virtudes domésticas e em espírito de sacrifício —, a do nauta,

corajoso, digno, sofredor, os painéis votivos referentes à vida do mar, as «alminhas», algumas ilustrações, facultam, naquele livro, indicações de interesse para a etnografia. Com o Dr. António Madaíl, ilustre historiógrafo e benemérito fundador do «Arquivo do Distrito de Aveiro», Denis Gomes colaborou prestimosamente na formação dum Museu local. Mais um motivo para, nesta revista, lhes rendermos justo louvor.

M. C.

LUÍS CHAVES — *Os barcos do Tejo — Fragatas e varinos* — Sep. do n.º 10 da «Revista Municipal», Lisboa, s. d.

Pequeno estudo etnográfico, artisticamente ilustrado, sobre embarcações portuguesas, especialmente sobre as *fragatas* e *varinos* do Tejo. Abre com uma explanação sobre a navegação fluvial na Península na época romana e sobre os tipos antigos de embarcações no Mediterrâneo. Em seguida, o A. emite a hipótese de que as actuais fragatas do Tejo tenham resultado do choque ou combinação das estruturas dos antigos barcos redondos de carga com formas longas e rápidas. Representantes de vetustos modelos, as fragatas são, no Tejo, um elemento artístico e sugestivo da paisagem fluvial. Luís Chaves distingue três tipos: o que chama *A*, o mais arcaico, o *varino* de fundo chato, modelo do «moliceiro» do Tejo e das fragatas decoradas; o tipo *B*, mais frouxo, menos «varino», pintado de côres lisas e uniformes, sem ornatos; o tipo *C*, o mais feio, mais utilitário, sem graça, também sem ornatos.

«Lisboa — conclui o Autor — deve rever-se com orgulho nas suas fragatas ornamentadas, jóias do Tejo, e protegê-las como se tem de se fazer por bem ao traje regional». Plenamente de acôrdo.

M. C.

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA — *Cantares do Minho* (2.º vol.) — Pôrto, 1942.

Com a publicação deste novo volume de cancionero minhoto fica em mais de 2.500 o número de quadras populares da província nortenha que Fernando Pires de Lima carinhosamente recolheu e deu à publicidade. Meritória tarefa que enche de júbilo todos os cultores de folclore. O tema preferido é o amor, mas no

prefácio o autor do volume diz-nos que os camponeses estão pobres e perderam a antiga alegria: «Quási já se não canta em S. Simão de Novais». Será justa esta visão pessimista das coisas? Decerto alguns aspectos da civilização e da história contemporânea não são propícios ao folclore e à alegria popular. Há também um fundo de tristeza na alma lusitana. Mas o mal, como o A. faz supor, ter-se-á agravado nos últimos tempos? Oxalá que não.

M. C.

JOÃO DE ALMEIDA — *Roteiro dos Monumentos de Architectura Militar do Concelho da Guarda* — 1 vol. ilustr. Coimbra, 1942.

O valoroso militar e colonialista que é o general João de Almeida não descansa na sua actividade estudiosa em matérias que se relacionam com a sua região natal e com os próprios fundamentos da nacionalidade. Na presente monografia, cujos aspectos estritamente militares nos não cabe apreciar, fornece o ilustre A. a notícia de numerosos castros lusitanos e luso-romanos e de alguns achados arqueológicos no concelho da Guarda. Deve assim este livro ser registado na nossa revista bibliográfica com o merecido aplauso.

M. C.

Anais do Museu Histórico Nacional — Vol. I. 1940 — Rio de Janeiro, 1941.

O Museu Histórico do Rio de Janeiro, dirigido por Gustavo Barroso, iniciou a publicação dos seus *Anais*, cujo primeiro volume temos presente. É variada e interessante a colaboração, versando assuntos de numismática, heráldica, iconografia, história, etc. Gustavo Barroso, além duma resenha sobre a recente Exposição Histórica do Brasil em Portugal, ocupa-se proficientemente de mobiliário luso-brasileiro. Angione Costa dá uma breve nota sobre Lund e os restos humanos de Lagoa Santa.

D. Nair de Moraes Carvalho relata o que se passou com uma jangada que fôra oferecida, antes da libertação dos escravos, ao Museu Nacional e que ficou célebre, com o nome de «jangada libertadora» por estar relacionada com o movimento contra a escravidão no Ceará. Outros artigos são devidos à autoria de Araújo Romero, Meneses de Oliva, Marques Poliano, Solano de

Barros, Paulo Olynto, Yolanda Portugal, Jenny Dreyfuss, Alfredo Rusins, Nilza Botelho, Otavia Corrêa, Fortunée Lévy e Adolpho Dumans, dando a medida do labor intenso daquele importante instituto cultural.

M. C.

W. SCHMIDT — *Völkerkunde und Urgeschichte in gemeinsamer Arbeit an der Aufhellung ältester Menschheitsgeschichte* — Extr. de «Mitteilungen der Naturforschenden Gesellschaft», Berne, 1942.

O A. serve-se de elementos da Pré-história e da Etnologia para esclarecer alguns problemas da história da humanidade, nomeadamente a antiguidade do *Sinanthropus*.

Depois de mencionar, previamente, algumas questões relativas a métodos e de ir buscar à Etnografia factos observados nas populações primitivas actuais, que nos permitam fazer uma idéia dos tempos pré-líticos que a humanidade deve ter atravessado, o A. aborda o problema de qual será o homem fóssil mais antigo.

Faz uma revisão do *Homo primigenius*, do *Homo sapiens*, do *Eoanthropus*, dos achados de Swanscombe, Monte Carmelo e de Steinheim cujas capacidades cranianas, compara com as dos pigmeus do Congo, mostrando como estas variam entre 1085 e 1510 cm.³ e estão dentro dos limites humanos de variação deste carácter.

Em seguida, rebate a opinião de Weidenreich de que o *Sinanthropus* praticasse o canibalismo, dizendo que este só aparece em períodos de cultura mais recentes.

Menciona os achados suíços de Wildkirchli, Drachenloch e Wildenmannlloch e afirma que não se trata, como outros autores pretendem, de aproveitar a massa do cérebro para curtir peles.

Para isso passa em revista o que, principalmente, se usa nos diferentes ramos de esquimós, índios e outros e termina por exprimir a opinião de que o motivo de aparecerem os crânios do *Sinanthropus* sem outros ossos, se deve, certamente, ao facto de eles representarem a parte que foi oferecida em sacrifício.

Em face das considerações produzidas pelo A., o *Sinanthropus* deve ter vivido em tempos mais recentes dos que geralmente se admite.

A. A.

FRITZ KRÜGER — *Die Hochpyrenäen. C. Ländliche Arbeit* — Hamburgo, 1939.

O volume XXXII da Coleção dos Estudos Hamburgueses sobre povos e cultura latinos, faz parte da obra que o A. escreveu em 6 volumes, dos quais o presente é o último. Nêles nos é dado um excelente estudo sobre o trabalho rural nos Altos Pirenéus.

Com uma riquíssima documentação e descendo aos mínimos pormenores, descreve o A. os processos agrícolas em uso nesta região. A canga, de que apresenta esplêndidos desenhos, bem como de todos os seus acessórios, é estudada não só no ponto de vista regional, como ainda comparativamente.

Embora os nossos jugos sejam muito diferentes, por serem mais ornamentados, em todo o caso não deixa de ser importante este trabalho para quem se queira dedicar ao seu estudo comparado bem como ao das cangas.

Da mesma forma dedica o A. a sua atenção aos diferentes tipos de arados, grades, enxadas, fources, fouchinhas e machados.

As colheitas que chamam às diferentes regiões grupos de trabalhadores, as segadouras, as gadanhas e as eiras, são estudadas cuidadosamente nas diferentes partes dos Altos Pirenéus. Muito interessantes e curiosas são as malhas e debulhas com o auxílio do piso dos animais, e muito elucidativas são as descrições dos apetrechos usados nestas fainas agrícolas.

A limpeza do grão e o aproveitamento das palhas, são seguidos pelo A. em tôdas as suas fases, nos diferentes lugares.

Termina esta obra, valorizada com inúmeras citações e um cuidadoso estudo filológico dos têrmos, por dois capítulos, o primeiro dedicado aos cortiços de abelhas que apresentam diferentes formas, e são fabricados de variadíssimos materiais, como troncos de árvores, escavados natural ou artificialmente, cilindros fabricados de vêrga, etc., e outro consagrado ao cultivo da videira, fabrico do vinho e do azeite.

É esta uma vasta obra de 500 páginas de texto seguidas de uma carta das regiões estudadas e de desenhos minuciosos das alfaias e algumas operações agrícolas, terminando com 36 estampas de nítidas e bem seleccionadas fotografuras.

Felicitemos o A. por este importante trabalho etnográfico, que esgota os assuntos tratados, e é do maior interêsse para a Etnografia da Península Ibérica.

A. A.